

## Apresentação

*Esta edição especial é, antes de tudo, uma celebração da parceria bem-sucedida entre o Instituto Benjamin Constant, na condição de centro de referência nacional para as questões relacionadas com a deficiência visual, o Grupo de Pesquisa Entre Redes (CNPq) do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal Fluminense, o Núcleo de Pesquisa Cognição e Coletivos (NUCC) do Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro e o Instituto de Psicologia da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.*

*Já há alguns anos desenvolvendo pesquisas no Instituto Benjamin Constant, essas universidades públicas colaboradoras vêm inserindo o Instituto no meio acadêmico, posicionando-o como um dos principais campos de estudos e de produção de conhecimento e formação humana no que diz respeito à deficiência visual, por meio da participação direta de alunos de graduação, mestrado e doutorado, que desenvolvem atividades regulares, oficinas de práticas artísticas com alunos e reabilitandos (corpo e expressão, fotografia, cerâmica), dispositivos clínicos (atendimentos terapêuticos em grupo) e projetos de acessibilidade estética. São pesquisas e estudos que buscam uma compreensão dos fenômenos e circunstâncias em uma perspectiva integrada e sistêmica, evitando a dicotomização e a lógica casuística e descritiva de fatos, que reproduzem modelos cristalizados sobre a deficiência visual. Assim, a busca do sentido, a finalidade, o tornar sensato é pesquisar com, e não sobre o outro.*

*A realização do II Colóquio Ver e Não Ver: Deficiência Visual, Práticas de Pesquisa e Produção de Subjetividade não só consolida a parceria entre as instituições organizadoras, mas também marca um momento de transformações relevantes que se anunciam no Instituto Benjamin Constant. Dentre elas, a reestruturação do seu Centro de Estudos, o aumento da documentação e publicação de materiais produzidos pelos profissionais da instituição, bem como a expansão do quadro de pessoal docente e administrativo, o que vem agregar novos pesquisadores de diversas áreas de conhecimento à pesquisa na instituição. Não por acaso, o foco deste II Colóquio é disseminar a importância da pesquisa científica na área da deficiência visual, por meio da discussão de metodologias e políticas de pesquisa e seus efeitos na produção da subjetividade e na transformação da vida das pessoas cegas e com baixa visão.*

*Pesquisar envolve estabelecer interlocuções com pensadores e não se limitar às aparências e aos resultados que se apresentam nas relações; envolve não nos deixarmos seduzir pela reprodução automática de conhecimentos e, conseqüentemente, de comportamentos, que, se não questionados, enrijecem-se e facilitam a estagnação. Nesse sentido, a função do pesquisador é ver algo que está ao mesmo tempo oculto e flagrante; escondido, mas evidente. Falo de “uma prática observadora e engajada”, usando as palavras de Michel de Certeau,<sup>1</sup> em que toma*

*em detalhes a ocasião e as circunstâncias; que não se poupa de relacionar-se; que se reconhece afetado e capaz de afetar; que tem o outro como lugar de convivência, e não como objeto de estudo.*

*A atividade científica tem por natureza uma dimensão coletiva. Precisa levar em consideração as conexões que se fazem presentes no campo e o fato de que somos todos atores que produzem efeitos em rede; que a modificamos e somos por ela modificados. Nessa noção de rede não existe uma ordem linear. Ela remete a fluxos e considera a complexidade da realidade, em razão de suas multiplicidades e dos fluxos de ações que acontecem em conexão, na lógica da afecção. Isso significa que precisamos pensar soluções juntos.*

*“Ver e não ver”. No título do colóquio é preciso frisar a conjunção aditiva e, que inutiliza velhas dualidades e relativiza o conceito de limite, articulando esses dois universos de fronteiras bem mais porosas do que parece à primeira vista. O “e” faz com que esses dois espaços se interpenetrem e ultrapassem o binarismo da relação interior/exterior e, conseqüentemente, seus desdobramentos metafóricos, que deságuam na questão eficiência/deficiência.*

*Longe de banalizarmos as questões que permeiam o universo da deficiência visual, nesta edição especial nossa intenção é deixar tecido um solo fértil ao debate, a partir do entrecruzamento de estudos e resultados trazidos por nossos convidados, pesquisadores nacionais e internacionais, que consideram a deficiência como diferença, singularidade, e não como deficit que precisa ser compensado por ações de normalização.*

*É com enorme satisfação que dedicamos esta edição a todos aqueles que na vida, entre o ver e o não ver, se pautam pelo limite como algo a ser transformado.*

Claudia Lucia Lessa Paschoal